

RECADO DE PARIS

O Estrangeiro Chegada da Primavera

PARIS, março. — (Via Panair) — Eu acordara cansado e triste; sai para a rua, o céu estava cinzento e sujo, e um vento frio me atacou na esquina. Em qualquer outro dia isso não teria importância, mas não deviam ter me dito que este era o primeiro dia da primavera. Bonita primavera me oferecem os senhores! tive vontade de gritar ao povo de Paris; mas fiquei em silêncio, comendo sozinho no fundo de um velho "bistrô". Não me ofereci um quarto de vinho ordinário sequer: bebi água, como um renegado. Comi mal, paguei, refleti um instante o quanto pouco dinheiro dispunha no meu bolso ao cabo de tantos e tantos anos de perambulagem e trabalho; vi-me, sem querer, em um espelho baço, e me achei mais feio e mais velho; descobri uma pequena mancha na gola do paletó; aborreceu-me aquele meu ar de estrangeiro chato com seu cache-col amarrotado.

"Lá vai um estrangeiro chato com um cache — col amarrotado, um paletó com mancha na gola e uma cara envelhecendo com fios brancos no bigode; porque os estrangeiros usam bigodes? Além do mais esse o usa sem convicção. Deve ser um italiano do sul, talvez um português ou panamenho; ou certamente é búlgaro, um búlgaro desonesto, eis o que diz a sua cara".

"Assim (penso eu) tagarelou consigo mesma a moça de capote verde que no ponto de ônibus dedicou alguns segundos a olhar a minha cara com um ar aborrecido. Tive vontade de lhe dizer: "Nem búlgaro nem desonesto, mademoiselle; eu sou de uma família decente de Cachoeiro de Itapemirim, fique sabendo." Mas ela morrerá um dia sem jamais ter ouvido essa extraordinária declaração, pois entrou no ônibus e se foi, sem olhar para traz.

"Assim são as mulheres, ignorantes e frívolas" — pensei eu, seguindo pela calçada. Dei de ombros; e talvez tenha não só pensando como também dito essas palavras, pois às vezes me apraz falar sozinho pelas ruas.

Pode-se criticar de muitos modos a cidade de Paris, mas acho indiscutível que é uma boa cidade para se falar sozinho na rua, mesmo em português. Falo de vez em quando; e não falo mais porque a minha conversa me fadiga e aborrece um pouco. Prefiro-me escrevendo, imaginem os senhores.

Mas que importa um homem, e o que ele pensa? Nem as nuvens do céu nem as de meu peito impediam que a Primavera estivesse na verdade desenvolvendo seus mistérios; ela agia, a deusa de faces coloridas e pele fresca, e pernas longas. Agia. Mas se eu me animar a contar seus feitos será assunto de outro recado; este já vai longo e feio, e não teria conserto, com certeza. Ah, um trocadilho, estão vendo? Até amanhã, por favor, até amanhã; perdão.

Rubem BRAGA

5-4.50

B.A. - O estrangeiro